



GT 003. A luta pelo espaço nos centros urbanos contemporâneos

Urpi Montoya Uriarte (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a, Cornelia Eckert (UFRGS) - (Coordenador/a), Cristina Patriota de Moura (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Luísa Maria Silva Dantas (PPGAS/UFRGS) - Debatedor/a, Ana Luíza Carvalho da Rocha (Universidade Feevale/RS) - Debatedor/a

Nos centros urbanos convivem uma grande quantidade de espaços vazios desocupados e pessoas morando nas ruas, prédios abandonados e cortiços superlotados, edifícios restaurados e ruínas urbanas, imóveis ocupados por refugiados de todos os tipos, territórios de legalidades e ilegalidades. Neste espaço de múltiplas contradições e conflitos se livram, na atualidade, de forma aberta ou difusa, uma luta violenta e desigual pelo espaço, protagonizada por racionalidades opostas e lógicas complexas, formas distintas de entender a ordem, de habitar e de circular, de rememorar, de usar ou contra-usar. Projetos de reabilitação, revitalização, gentrificação, empreendedorismo e ordenamento urbano intervêm no espaço público usado por milhares de pessoas para sobreviver e nos prédios habitados por aqueles outros tantos que mal conseguem sobreviver. O capital destrói, constrói ou reconstrói ali onde lhe é conveniente enquanto os habitantes e usuários do centro se refugiam em espaços opacos, nas dobras dos espaços abstratos, construindo e reconstruindo suas formas de habitar os lugares centrais. O objetivo deste grupo de trabalho é congregar os diversos tipos de abordagens etnográficas que revelem e discutam a complexidade e os antagonismos que se defrontam nos centros urbanos contemporâneos, a "guerra de lugares" que se processa nele e as formas de entender o que é o centro e como habitá-lo.

A cidade dos meus amores: os problemas públicos em torno da "gestão urbana" do Centro Histórico da cidade de Vitória - ES e seus públicos

Autoria: Manuela Vieira Blanc, Liliâne Moreira Ramos Amanda Alvarenga Néspoli

Inserido em uma trajetória de pesquisa que assume as formas de apropriação dos espaços públicos urbanos como contextos de circulação e coexistência, este artigo analisa as disputas em torno da gestão desses espaços do Centro Histórico da cidade de Vitória, ES. Ao longo de cinco anos de observação sistemática de práticas transcorridas nessa mancha de sociabilidade e lazer, identificou-se uma profusão de vozes que disputam um imaginário de cidade e um modo de vida urbana espacializado. Assim vem sendo mapeadas modalidades de se pensar e agir sobre a cidade, mobilizadas por diferentes públicos em diferentes situações. Evidenciou-se assim um projeto de requalificação da região que remete à sua autenticidade como instrumento de valorização simbólica do local, inspirando iniciativas de intervenção sobre equipamentos culturais, vias de circulação e mesmo iniciativas de controle dos usos dos seus espaços. As estratégias articuladas por novos e antigos investidores da região, diante dos efeitos desses processos de disputa pelo espaço, se apropriaram ao longo do tempo da lógica discursiva, dos modos de fazer e até mesmo da estética que emerge nesse processo que, pretendendo revitalizar, rivaliza com práticas, modos e usos. Deste modo, vem sendo identificados processos de constituição e dissolução de diferentes públicos em torno de problemas, disputando a definição dos mesmos, bem como das suas soluções, estas aqui percebidas como modos de gerir o espaço. Em função dos nossos objetivos, serão remontadas neste work as lógicas discursivas acionadas na disputa pela presidência da Associação de Moradores local (AMACENTRO), ocorrida em agosto de 2018, refletindo sobre os referenciais de bairro acionados durante o processo de formação das chapas e realização da campanha, bem como os problemas apontados e os modos como se definem. Foi possível perceber como dois grupos foram compostos por atores individuais ou coletivos atuantes no bairro e



sobre o bairro durante o período de realização das eleições. Esses públicos, finalmente, são marcados por perfis de atuação, lógicas de significação e formas de intervenção que refletem moralidades e disputam modalidades de ocupação deste espaço público e seus sentidos. Compreender como dialogam entre si é, finalmente, também um modo de compreender uma lógica de gestão da cidade emergente e que, estimulada por parcerias público/privadas, parece estar, mais recentemente, cooptando parte desses mesmos atores individuais ou coletivos segundo uma lógica neoliberal que se assenta em um esvaziamento do papel do estado e uma transferência de responsabilidade para os cidadãos/citadinos sob os signos do empreendedorismo, da criatividade e da inovação.



Realização:



Apoio:



Organização:

